

Pesquisadores de sete países debateram reelaboração das formas antigas desde o Renascimento

# Especialistas refletem sobre a tradição clássica

MANUEL ALVES FILHO  
manuel@reitoria.unicamp.br

Especialistas brasileiros e estrangeiros estiveram reunidos entre os dias 22 e 24 de setembro, na Unicamp, para participar do II Simpósio Internacional sobre a Tradição Clássica, evento que integra o projeto temático da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) intitulado "Programa Biblioteca Cicognara e a Constituição da Tradição Clássica". Na oportunidade, pesquisadores de sete países, além do Brasil, promoveram uma série de reflexões sobre alguns dos

**Evento integra projeto temático**

vínculos que compõem a densa trama de interferências entre a questão religiosa e a incessante reelaboração das formas antigas desde o Renascimento. De acordo com Luiz Marques, professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e um dos organizadores do Simpósio, estiveram reunidos, no auditório da Biblioteca Central (BC) da Universidade, importantes estudiosos que têm a tradição clássica como objeto de suas pesquisas. A professora Nicole Dacos, da Universidade Livre de Bruxelas, abriu o primeiro dia de palestras falando sobre o tema "Da Liberdade e do Jogo à Ordem e ao Símbolo. Vida e Morte dos Grotescos". De acordo com ela, os grotescos estão presentes em várias obras de arte dos séculos 16 e 17.

Eles se manifestam por meio de miniaturas pintadas ao redor de uma figura ou cena central. Representam,

Luiz Marques, professor do IFCH: tradição clássica como objeto de pesquisa

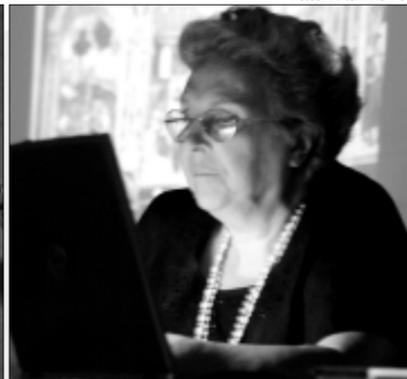


O professor Antonio Pinelli, da Università degli Studi di Pisa: obras do século 16



Fotos: Antoninho Perri

A professora Nicole Dacos, da Universidade Livre de Bruxelas: grotesco em pauta



O professor Ricardo de Mabro Santos, da Università di Roma "La Sapienza": obra polêmica



tam, invariavelmente, situações engraçadas ou figuras estrambóticas. No entender de Nicole Dacos, não há uma representação simbólica precisa no grotesco ou um código definido para a construção de motivos ideológicos. "Trata-se de uma pintura licenciosa que faz rir. Ou seja, uma brincadeira. Enxergar um simbolismo preciso nessa expressão artística significaria transformá-la no contrário do que realmente é", afirmou a especialista, que exibiu

cerca de 40 slides ao público.

Ainda no primeiro dia do Simpósio, o professor Antonio Pinelli, da Università degli Studi di Pisa, falou sobre a Galeria dos Mapas Geográficos do Palácio do Vaticano, conjunto de obras do século 16 que representa, a um só tempo, a expressão da arte, da política e da geografia daquela época. A galeria, na verdade um dos corredores do palácio, é composta por 40 quadros, pintados entre 1578 e 1581, dispostos de

ambos os lados da passagem. Eles representam o território italiano, com suas regiões, ilhas e acidentes geográficos. "Não por acaso, as regiões são representadas por lugares considerados sagrados e associadas a fatos milagrosos", explicou, fazendo referência ao significado ideológico e contra-reformista defendido pela Igreja.

"Em outras palavras, a galeria não foi concebida para ser um local de passeio simplesmente, mas um es-

paço para que as pessoas olhassem a Itália e pensassem em como ela deveria ser governada", acrescentou Pinelli. Segundo o discurso ideológico de então, o papa teria o direito de unificar o país, que obviamente ficaria sob seu comando, situação que jamais viria a se concretizar. Entretanto, lembrou o especialista, a ambição da Igreja não se limitava à questão apenas do domínio do espaço. Ao usar o argumento da defasagem do calendário Juliano, que impedia que a Páscoa fosse comemorada na data correta, a instituição promoveu a adoção do calendário Gregoriano. "A ação ideológica da Igreja, portanto, também contemplava o domínio do tempo", disse.

Ainda na abertura do Simpósio, o professor Ricardo de Mabro Santos, brasileiro que leciona na Università di Roma "La Sapienza", falou sobre uma das principais obras de Leonardo da Vinci, "A Virgem dos Rochedos". O quadro, que tem duas versões, sempre foi objeto de muita polêmica. Um deles está exposto no museu do Louvre, em Paris, e o outro na National Gallery, em Londres. Há quem diga uma das obras não teria sido pintada por da Vinci, mas sim por um de seus alunos. A "A Virgem dos Rochedos", segundo Santos, é uma complexa trama iconográfica, concebida entre os anos de 1480 e 1483, por encomenda da Irmandade da Imaculada Conceição, de Milão.

O primeiro quadro, conforme o estudioso, obedece a minuciosas orientações descritas em contrato. A intenção da entidade religiosa era difundir que o que viria a ser o dogma da concepção sem pecado. O segundo, porém, difere substancialmente do anterior, pois traz uma gama de significados metafísicos. Como é possível explicar tais diferenças? Para o professor da Università di Roma "La Sapienza", a segunda versão seria uma síntese das visões do beato Amadeu da Silva, que tinha grande ascendência sobre um segmento do clero italiano de então.

Além dos três palestrantes mencionados, participaram ainda do II Simpósio Internacional sobre a Tradição Clássica os seguintes pesquisadores estrangeiros: Yoni Ascher (Haifa University, de Israel), Marc Deramaix (Université de Reims, Institut Universitaire de France), Sylvie Deswarte-Rosa (Université de Lyon 2), Pierre-Antoine Fabre (École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris), Catherine Monbeig Goguel (Musée du Louvre), Ángel M. Navarro (Universidad de Buenos Aires), Rudolf Premsberger (Freien Universität Berlin) e Isabel del Rio de la Hoz (Univesidad Rey Juan Carlos de Madrid).

## Pesquisa sobre diabetes ganha prêmio internacional

JEVERSON BARBIERI  
jeverson@reitoria.unicamp.br

O médico e pesquisador da Unicamp Henrique Gottardello Zecchin recebe, nesta semana, o Prêmio Armando Pupo, destinado a jovens médicos do mundo todo, envolvidos com pesquisa sobre diabetes. Ele é o primeiro brasileiro a receber o prêmio, que consiste numa bolsa de estudos durante um ano no Joslin Diabetes Center, na Universidade de Harvard, em Boston (EUA). Zecchin, que é aluno de doutorado na área de Fisiopatologia Médica, trabalha no Laboratório de Biologia Molecular da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da Unicamp, sob a orientação do professor Mário Saad.

Henrique indica que o foco da pesquisa é o diabetes tipo 2, uma doença muito comum que atinge uma grande faixa da população mundial por sua associação com a obesidade. São pessoas que, mesmo produzindo insulina, possuem predisposição no desenvolvimento da doença por possuírem características genéticas, principalmente.

**Obesidade** – O pesquisador demonstra muita preocupação, uma vez que a obesidade é considerada uma pandemia, ou seja, uma enfermidade epidêmica mundialmente disseminada. Ele faz uma ressalva importante, dizendo que a obesidade já ocupa um dos primeiros lugares na escala de doenças que mais matam e a tendência mundial é de elevação dos níveis. Ele cita, além das características genéticas, o hábito sedentário e a má alimentação, como fatores responsáveis pelo aparecimento da doença.

"Essa primeira fase da pesquisa foi muito importante. Os resultados nos levaram a desenvolver um novo conceito, denominado resistência à insulina no vaso sanguíneo. Isso significa que o portador da doença, ao



O médico Henrique Gottardello Zecchin: segunda fase do trabalho será realizada nos Estados Unidos

contrário do diabetes tipo 1, produz insulina. Mas, por algum motivo que ainda estamos pesquisando, sabemos que ela não consegue atuar no vaso sanguíneo de forma a protegê-lo", explica o pesquisador.

Dentro dos vasos sanguíneos são encontradas células endoteliais, cuja função é a de proteger o vaso, controlar a pressão arterial e evitar a formação de trombos. Quando a insulina passa por essa cadeia de células, ativa uma enzima chamada NOS3, responsável pela produção de óxido nítrico, que é um fator de proteção do vaso sanguíneo.

O diabetes impede, em algum momento, que a insulina percorra essa cadeia, evitando, dessa forma, a ativação da enzima e a conseqüente proteção do vaso, favorecendo o aparecimento de doenças cardiovasculares

como infarto, derrame e trombose, que em 80% dos casos leva o paciente ao óbito.

A segunda fase do trabalho será realizada nos Estados Unidos onde, segundo o pesquisador, será possível realizar um trabalho mais detalhado, capaz de detectar onde a cadeia pode ser interrompida e, dessa maneira, começar a elaborar os possíveis tratamentos. O objetivo principal desse trabalho é abrir caminho para o desenvolvimento de novos medicamentos que possam dar aos pacientes uma qualidade de vida muito melhor. "A infraestrutura de equipamentos no laboratório americano será fundamental no aprofundamento da pesquisa e deverá permitir um avanço considerável no trabalho", afirma.

Os resultados apresentados até agora já foram publicados numa re-

vista de circulação internacional e são considerados um grande passo no trabalho de pesquisa do diabetes tipo 2, já feito no Brasil. O prêmio, que será recebido pelo médico brasileiro, é concedido a cada três anos, tem apoio financeiro do Laboratório Lilly e a cada edição muda de nome, uma maneira de homenagear pesquisadores da área. Neste ano, o homenageado é o professor Armando Pupo, endocrinologista brasileiro e um dos pioneiros na pesquisa do diabetes.

O evento será realizado em São Paulo, no período de 26 a 29 de setembro, durante a 12ª edição do Congresso Latino-Americano de Diabetes.

Além de ser o primeiro brasileiro a receber esse prêmio, o trabalho de Henrique coloca a pesquisa brasileira numa situação bastante privilegiada, já que se trata de uma doença grave que cresce a cada dia no mundo todo.

Ser uma  
Consultora Natura  
pode fazer muita



diferença na sua vida

**Inclusive financeira.**

Você trabalha à hora que quer. Você é seu chefe e conta com apoio total às suas vendas. E você tem a maior média de ganhos em reais da venda direta. Isso pode ou não pode fazer muita diferença na sua vida?

Ligue e informe-se: 0800-115566

natura

Você fazendo a diferença.